

DESCONSTRUINDO O “CISTEMA”: DOCENTES NA EDUCAÇÃO IGUALITÁRIA E NA DESMISTIFICAÇÃO DE CORPOS PRETOS E TRANSGÊNEROS

Alice Emanuely Pinto Lima¹

Sahmaroni Rodrigues de Olinda²

¹Letras – Português / UFC – aliceelima2301@gmail.com

²Docente da faculdade de educação / Faced UFC – sahmaronirodrigues@ufc.br

RESUMO

O presente artigo surge com o debate da formação docente e seu papel na desmistificação de corpos pretos e transgêneros no combate contra o “Cistema” na sociedade brasileira. A construção do artigo parte de um contexto colonial, e vai aprofundar em questões de preconceito, estrutura educacional, papel docente e como mudar esse cenário em prol desses indivíduos. A pesquisa aborda pensamentos diversos de autores e pensadores como Nêgo Bispo, Bell Hooks e Amara Moira conectando as teorias a fim de criticar e construir um pensamento novo em relação à formação docente, valorizando o pensamento crítico em combate à educação neoliberal. No desenvolvimento houve uma troca de olhar sobre os corpos pretos e transgêneros, passando a vê-los como potências científicas, e valorizar as criações culturais, artísticas e científicas, como a área da linguística que foi citada com o recorte do dialeto transviado pajubá, gerando outra reflexão, sobre o apagamento científico desses corpos dentro do cenário da educação, levantando debate dos teóricos eurocêntricos e colonialistas ainda usados na formação de docentes, e o impacto que esses repertórios causam em sala de aula.

Palavras-chave: Cistema; Educação; Docente; Corpos pretos; Corpos transgêneros.

1 INTRODUÇÃO

Em um país como o Brasil, onde corpos negros e transgêneros são invisibilizados todos os dias em vários contextos, como na ciência, sociedade e até mesmo na saúde. Uma das alternativas de combate que ainda é vista como esperança, a educação, ainda tem falhas que derivam de seu planejamento neoliberal e controlador, que reforça o preconceito e a estabilização contra os que eles ditam como a minoria.

É fato de que essas minorias não são pensadas em quase nenhum contexto, principalmente quando falamos da formação docente, que ainda continua usando os mesmos repertórios eurocêntricos, brancos e cisgêneros, e que não favorecem nem um pouco os corpos marginalizados. O que acaba sendo refletido dentro de sala de aula, reforçando estereótipos, atitudes e reproduções de violência, gerando um ciclo inacabável de preconceito.

Ciclo esse que pode e deve ser quebrado através da educação, e não do reforço da violência. Na atual sociedade em que vivemos, corpos transgêneros e pretos não são pensados além da marginalização, da prostituição, pobreza, crime e violência, e quando esse padrão se rompe, a ideologia conservadora e colonialista se opõe, desmerecendo posições e conquistas, como o caso de reprovação contra a presidenta da comissão de defesa dos direitos das mulheres Erika Hilton em março de 2026, sendo a primeira mulher transgênera a ocupar essa cadeira na comissão. O que reforça pensamentos retrógrados e estereotipados que fazem diferença na vida desses indivíduos, com impactos negativos.

Ainda nesse contexto, quando usamos o recorte da educação em si, ela não se limita à somente o material didático, como também a posição do docente em sala de aula, nos seus repertórios, como ele lida com a diversidade, e se ele é só mais uma ferramenta de manipulação do sistema que usa a educação para alienar e não para libertar (HOOKS, 2013). Tal debate já foi levantado por pensadoras como Bell Hooks que foi uma base decisiva para essa pesquisa, com a visão da educação como ferramenta de liberdade.

Agora reflete - se como esse cenário pode mudar, em nível de impacto social, se mudarmos a forma que formamos os docentes. Se houvesse uma substituição de repertórios, e introduzirmos a literatura travesti e preta por exemplo. E usarmos das “armas” do próprio “Sistema” para desconstruir ele, como fez Antônio Bispo com palavras coloniais que eram

usadas como opressões, e transformamos esses corpos tão esquecidos e marginalizados em potência científica na sociedade, na sala de aula e na vida.

Um dos impulsos desta pesquisa ao levantar essas críticas, foi ao perceber que quando a ciência parte desses indivíduos, quase nunca se é levado como relevante. Um recorte que esse fato pode ser observado, é na área da linguística, cujos temas como o bajubá, um dialeto transviado, que surgiu principalmente por travestis que trabalhavam/trabalham nas ruas com a prostituição, usaram da linguagem como forma de resistência e segurança. Mas na educação neoliberal, é considerado mais importante estudar como os colonizadores usaram a língua como forma de colonizar os indígenas, exemplo das escolas jesuíticas, do que como um dialeto como o apresentado serviu como forma de sobrevivência na ditadura militar para essas mulheres.

Nessa pesquisa, foi buscado debater sobre todos esses tópicos, dialogando com pensadores, e professores como Amara Moira, Lélia Gonzales, e Bell Hooks, a fim de apresentar que a educação pode ter um papel importante na quebra de estereótipos e violências ligadas aos corpos pretos e transgêneros no Brasil, e como a formação docente pode ajudar nessa transformação, observado essas minorias como potências científicas, e não mais vítimas, trazendo um novo olhar para educação e a didática usada em sala de aula.

2 DESENVOLVIMENTO

Adentrando no tema, não podemos começar a falar de formação docente para a quebra do “Cistema” sem pensarmos e refletirmos no modelo de educação que é imposto hoje, e que raízes ele carrega do passado. Segundo a escritora e professora Bell Hooks, na escola para pessoas negras na época do apartheid que ela frequentava, a educação era aplicada por suas professoras como uma prática da liberdade e não como prática de dominação, o que ficou destacado em sua obra “ensinando a transgredir a educação como prática de liberdade” e a diferença que ela sente quando passa a frequentar uma escola de pessoas brancas, onde a educação segundo a autora se altera para reforçar a dominação.



Segundo o artigo do Guilherme Goulart de Santa “Competência em informação às pessoas transgênero: conjecturando diálogos insurgentes frente ao CISTema” ele vai citar um fator que Marshall já havia analisado sobre as relações humanas, e como essas relações se tornam políticas e envolvem relações de poder que de certa forma moldam o pensamento e ações do segundo indivíduo envolvido. E são essas relações que fizeram e fazem a diferença na educação brasileira. Voltando então para os fatores históricos coloniais, onde se vê uma educação pensada para catequizar e transformar os saberes, culturas e vivências indígenas, até ter como resultado o apagamento histórico desses povos na contemporaneidade, prevalecendo a história contada pelos colonos, e não pelos povos originários.

Na atualidade, a situação não é muito diferente, vemos docentes reproduzindo pensamentos e teorias totalmente eurocêntricos e colonizadores que vai do ensino básico, até a graduação, o que se tornou um ciclo “inquebrável”, que só formam indivíduos com os mesmos pensamentos e ações, e que são preparados para o mercado de trabalho dentro do neoliberalismo, e não para questionar, lidar e debater sobre a diversidade da sociedade.

Não é de hoje que corpos transgêneros e pretos são marginalizados, a realidade do Brasil há muito tempo infere a ideologia que pessoas pretas são faveladas, vivem do crime, sem dignidade alguma, e que na sociedade conservadora cristã a pessoa transgênera, além de “pecadora”, só é apta à estar na prostituição, ou em trabalhos que por mais que sejam dignos, não dão sustento que essas pessoas realmente necessitam como é o caso de outros trabalhos informais sem a segurança de uma carteira assinada. Agora vejamos essa situação dentro da educação, é visto a gravidade desse recorte social, quando questionamentos como: “quantos autores pretos ou transgêneros você já leu?”, “quantas pessoas pretas ou transgêneras estão presentes nos livros didáticos ou de pesquisa?”, “quantas pessoas pretas e transgêneras estão dentro do mercado de trabalho formal, tem acesso a saúde de qualidade, ou um lar adequado para viver?” aparecem.

A partir da maioria das respostas para essas perguntas se torna nítido que a sociedade tem um índice de falha com esses indivíduos. Um trecho que reflete os questionamentos abordados acima é do livro “E se eu fosse puta?” Da doutora em literatura pela Unicamp Amara Moira: “Já viu travesti professora, advogada, cientista, médica? Querem que eu seja a primeira”. A educação falha quando não consegue dar suporte e acolher todas essas divergências, e tornar a vida desses cidadãos uma vida/ realidade digna, questiona se então se

esse indivíduo for preto e transgênero que perspectiva ele terá. Para isso, a pesquisa aponta que a mudança na formação docente é essencial para o combate dessa realidade opressora.

Antônio Bispo, conhecido como “Nêgo Bispo” em seu texto “semear palavras” fala sobre o adestramento, este que favorece os dominadores/colonizadores, sejam na cultura, sociedade ou na língua. É então que ele chega à conclusão: “precisamos transformar as armas dos inimigos em defesa” ou seja, usar aquilo que eles usam contra a sociedade, contra eles mesmos. E é aí que a educação entra, usar como ferramenta contra o “Cistema” a própria ferramenta que ele usa para alienar a sociedade atualmente, a educação. É com ela que pode se acabar com a ideologia opressora em cima dos corpos pretos e transgêneros, e transformar a educação em liberdade.

Porém, o processo não é simples, é por isso que a pesquisa visa focar em um recorte que pode ser decisivo nesta mudança. O jeito que se forma os docentes na atualidade, e que se é depositado um papel essencial na formação da sociedade a partir da educação. Por mais que hoje em dia os repertórios venham sendo mudados, com a inclusão por exemplo de autores indígenas, pretos e ativistas, ainda é muito pouco o contato, comparado com os autores eurocêntricos ainda usados.

Enquanto o mundo ainda for pensado através de um olhar patriarcal, branco e hetero normativo, não se terá a igualdade como consequência, e sim a contínua desigualdade que cerca os corpos pretos e transgêneros. É então que começamos a pensar na potência desses corpos como ciência, pois mesmo fora do ambiente acadêmico, esses corpos produzem para sociedade, arte, dança, música, culinária, maneiras de refletir o mundo, onde a maioria desses repertórios não estão presentes na formação de profissionais da educação.

É essencial, pois o educador não vai lidar só com a matéria que é para ser dada em sala de aula, mas sim, com um universo de possibilidades e diversidades, entre elas o recorte que nossa pesquisa aborda. Alunos negros e transgêneros estão dentro das salas de aulas, e cabe ao professor mostrar que esses indivíduos tem potenciais na sociedade, não só como minorias, mas como produção. É sobre tirar os resquícios do preconceito, e tornar possível a inclusão e a normalização desses corpos, pois são eles que se aprofundam em uma realidade que muitos não querem enxergar, é a partir deles que nascem pesquisas aprofundadas sobre o quanto mortal é a diferença de classe e raça, e como esse fator tem uma justificativa.

Dentro da formação docente isso pode ser mudado desde a raiz, o professor universitário precisa deixar claro que a universidade precisa pensar nesses corpos, a licenciatura precisa cobrir a parcela desses corpos, e não só como corpo, mas como indivíduos. E isso só é possível se trouxemos histórias, vivências, personalidades destes corpos, não só para sala de aula, mas para o campo acadêmico como um todo. Só assim a educação passa de uma visão “Cistêmica branca”. E passa a ver como essas minorias encaram o mundo, e como essa visão ajuda a construir a sociedade como um todo. Tudo isso a partir de perspectivas dentro da sala de aula, pensando no fora.

2.1 Referencial teórico

Para a construção desse artigo foi usada uma linha de pensamento, que direcionasse o global para raiz da problemática. Para isso, iniciamos com a autora Bell Hooks, que em seu livro “Ensinando a transgredir a educação como prática de liberdade” de 2013 ela vai fazendo uma análise geral da educação, refletindo a educação como uma ferramenta de liberdade, e sua experiência desde o primário à graduação. Foi essa metodologia de Hooks, e o pensamento de uma educação como prática de liberdade, que a mesma resume em “A educação como prática de liberdade é um jeito de ensinar que qualquer um pode aprender” e que é complementada com a “práxis” de Paulo Freire “agir e refletir o mundo a fim de modificá-lo”, que resultou na tese de usar a educação e a formação docente a fim de diminuir o preconceito e alavancar como potência social os indivíduos pretos e transgêneros.

No debate do problema em sua raiz histórica, os textos de dois pensadores brasileiros foram decisivos, “racismo e sexismo na sociedade brasileira” de Lélia Gonzalez, e “semear palavras” do Nêgo Bispo que ajudaram a refletir sobre o fatos do colonialismo para colaboração da exclusão e preconceito contra corpos pretos, femininos e transgêneros na sociedade brasileira. O que faz percebe - se que isso reflete na educação no uso da história contada pelo colono e não por quem foi colonizado e escravizado, o que gera uma outra perspectiva, e ajuda na propagação de estereótipos e preconceitos, mas que pode ser ressignificado como a argumentação que Nêgo Bispo usa em seu texto sobre ressignificar as palavras usadas para dominação, aplicando isso na educação como um todo.

No recorte do tema abordado, Amara Moira ajudou na reflexão dos corpos pretos, transgêneros e marginalizados como potências científicas, em suas duas obras “E se eu fosse puta?” De 2016, e “Neca: um romance em pajubá” de 2024. Que abordam as perspectivas de vidas das pessoas transgêneras que vivem da prostituição, e como a própria autora foi pensada em seu contexto por ter quebrado o estereótipo, e ter ingressado no ensino superior, atuar como professora e escritora, e como a sociedade encarou e encara essa sua “conquista” o que deveria ser algo naturalizado para esses indivíduos.

Amara também, lida com o bajubá, que é visto como um dialeto brasileiro da população LGBTQIA +, e que se constitui parte da *linguística* do português brasileiro, mostrando que a cultura e a resistência, principalmente vindo de corpos negros e transgêneros, esses que estão dentro do cenário da marginalização da sociedade, também produzem conhecimento científico, e de relevância dentro da história social do país. Comprovando então a importância da participação desses repertórios na formação de um docente, e na presença em sala de aula.

2.2 Metodologia

A metodologia usada na pesquisa do presente artigo, é de cunho bibliográfico, tendo sido usado como referência livros e artigos que complementam o debate do preconceito aos corpos pretos e transgêneros, e a educação como forma de mudança desse cenário.

Os livros e artigos abordados contribuíram com a construção da tese, e da crítica apresentada, trazendo questionamentos, reflexões e possíveis soluções para a problemática apresentada na pesquisa.

Então, dialogando com os autores, foi possível gerar um debate que chegasse ao resultado, que reflete a formação docente como ferramenta de combate das desigualdades do recorte das minorias apresentadas.

2.3 Resultados e discussão

Após os debates e análises bibliográficas, é entendido que o preconceito e a exclusão de corpos transgêneros e pretos não vem do “nada”, mas sim de uma construção social que parte desde os princípios da colonização do Brasil. Diante disso foi percorrido como esses

indivíduos são observados e vistos perante a sociedade contemporânea, levantando o questionamento do que poderia ser usado no combate deste preconceito.

Então, diante de pensadores como a Bell Hooks, compreende - se que hoje existem ferramentas usadas como forma de dominação, e uma das principais é a educação, essa que deve ter papel libertador na vida dos indivíduos. Dialogamos então com Nêgo Bispo, que apresentou uma saída, que é usar a arma do opressor contra ele mesmo, o que levou a tese.

Entende - se então, que a educação precisa ter esse olhar crítico e de debate para romper com opressões históricas, e uma forma de colocar isso em prática, é analisando e transformando a formação docente que consequentemente irá causar uma mudança na estrutura educativa, trazendo então, histórias, vivências e toda construção que essas minorias vêm construindo ao decorrer do tempo, e que são apagadas pelo “Cistema” opressor.

3 CONCLUSÃO

A pesquisa surgiu com esse incômodo, de não satisfação e do não comprometimento da sociedade com os corpos pretos e transgêneros. Com um olhar de que a educação pode transformar esses indivíduos em potências científicas e de valor pra sociedade, combatendo toda forma de preconceito e estereótipos preconceituosos impostos a esses indivíduos.

Com as leituras e análises dos livros e artigos, foi possível identificar uma raiz histórica do preconceito contra esses indivíduos, e entender que a sociedade é controlada por quem está contando a história e em qual contexto ela é inserida, compreendendo então, que a partir do momento que o docente só usa e absorve ideologias coloniais, brancas, patriarcais e neoliberais, ele então vai reproduzir uma ideologia de dominação e não liberdade, a qual foi apresentada por Bell Hooks.

Então, com o questionamento de como tornar essas minorias em potências científicas e sociais dentro da educação, foi pensado na formação docente como essa ferramenta. Já que o professor é quem guia o aprendizado dentro de sala, a mudança precisa partir de sua formação, isso enquadra a troca de teorias apresentadas. Chegando na valorização da cultura, ciência, artes e valores construídos pela população preta e transgênera, trazendo um olhar de validade e humanização para esses indivíduos, e compreendendo-os como essas potências, já questionadas na tese.

Afinal, é combatendo os preconceitos e estereótipos a partir da formação docente, que os modelos de reprodução serão alterados automaticamente, na sala de aula os alunos irão se sentir vistos e representados, e compreender que colaboram na construção da sociedade. E que o preconceito não vem do nada, mas sim de uma construção ideológica que está presente desde a colonização do Brasil, e até antes.

Se a formação docente muda, a educação muda, e a sociedade muda. Todas essas coisas estão interligadas, a educação pensa a sociedade e a sociedade pensa a educação, por isso o artigo critica o neoliberalismo, pois a maneira que a educação é pensada nesse modelo, só reflete os interesses de empresários e dos lucros com as futuras mãos de obras. Cenário isso que pode e deve ser mudado, inserindo as maneiras de pensar diversas, e não somente de um grupo minoritário dominador.

Assim, espera-se que após a pesquisa, se pense uma nova forma de formação docente, a que inclui, e que pesquisa mais sobre corpos negros e transgêneros, citou esse recorte porque é uma das minorias que mais sofrem exploração na sociedade contemporânea, e que tem seu legado histórico e científico sempre apagado por ideais preconceituosos ainda presentes na construção social.



REFERÊNCIAS

HOOKS, bell. Ensinando a transgredir: a educação como prática da liberdade. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2013.

FREIRE, Paulo. Pedagogia do oprimido. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.

(usei porque você cita a ideia de práxis — vale muito a pena incluir pra fortalecer teu texto)

GONZALEZ, Lélia. Racismo e sexismo na cultura brasileira. In: SILVA, Luiz Antonio Machado da et al. Movimentos sociais urbanos, minorias étnicas e outros estudos. Brasília: ANPOCS, 1983.

BISPO, Antônio (Nêgo Bispo). Semear palavras. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 2018.

(se você não tiver certeza do ano/edição usada, posso ajustar depois contigo)

MOIRA, Amara. E se eu fosse puta? São Paulo: Hoo Editora, 2016.

MOIRA, Amara. Neca: um romance em pajubá. São Paulo: Companhia das Letras, 2024.

SANTA, Guilherme Goulart de. Competência em informação às pessoas transgênero: conjecturando diálogos insurgentes frente ao CISTema. SciELO, Santa Catarina, 2022.